

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO TEXTUAL

ANDRADE JÚNIOR, William Ferreira de.
wfajrcarol@yahoo.com.br
MATOS, Bianca Carla Batista da Cruz.
biancacarlamatos@yahoo.com.br
SOUZA, Carol Christi Leite.
carol_christi@yahoo.com.br

MEIRELLES, Claudia. (orientadora)
Graduada em Letras, especialista em Metodologia
da Língua Portuguesa, Prof.^a do Curso de Letras -
Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
meirelles.claudia@terra.com.br

RESUMO

A leitura e a produção textual enquanto atividades integrantes da disciplina Língua Portuguesa possibilitam ao aluno certa autonomia e domínio no estudo dessa língua. Estas foram as principais preocupações da pesquisa que levou em conta opiniões de estudiosos da língua, bem como as orientações dos PCN's para o Ensino Fundamental, buscando demonstrar as novas perspectivas para o ensino e as transformações que a educação necessita sofrer, partindo da geração de uma nova visão e indo de encontro a um grande número de barreiras, inclusive por parte dos professores, a fim de gerar novos comportamentos quanto à forma de trabalho em sala de aula, de modo a proporcionar ao aluno a oportunidade de produzir conhecimentos.

As reflexões desse artigo concentram-se na análise da importância da leitura para a produção textual. Há uma grande preocupação ao ver que muitos estudantes, apesar dos esforços da escola, continuam a não gostar de ler. Um dos grandes objetivos da atividade escolar com a leitura é formar um aluno leitor que analise e interprete textos, pois ele vai viver constantemente em situações reais da vida em que o conhecimento advindo de leituras poderá ser de suma importância.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Produção Textual; Aprendizagem.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO TEXTUAL

1. LER PARA PRODUZIR

A dificuldade de leitura, análise e interpretação textual desfavorecem a expressão oral e escrita. Sendo assim, torna-se necessário apresentar a leitura como fonte primária e indispensável para a produção de textos e estimular o hábito de ler com praticidade e fácil entendimento, atendendo à finalidade do artigo, que é focar a leitura como fonte completa de todos os saberes necessários para uma correta produção textual.

Ao tomar gosto pela leitura, o leitor lê cada vez mais, adquirindo sensibilidade a um tema dado, a um texto escutado e, conseqüentemente, um enriquecimento no seu vocabulário. Dessa forma, à medida que o trabalho de leitura for amadurecido, torna-se indispensável o desenvolvimento da escrita, o contato com as primeiras letras, o conhecimento do alfabeto, a articulação e junção dos fonemas compondo sílabas e, por fim, a formação de palavras.

Percebe-se que a leitura tem sido tratada e entendida por muitos como mera repetição e reprodução de sentidos institucionalizados, e não como um processo dinâmico, democrático e produtivo. Atualmente, o leitor tem sido aquele que apenas é capaz de decodificar o código lingüístico, quando na verdade a formação do leitor acontece antes mesmo dele chegar à escola.

A criança que tem o costume de ler será uma boa produtora de textos. O problema é que a grande maioria não é estimulada à leitura, apesar de os livros infantis atuais não “medirem esforços” para chamar a atenção das mesmas. Quando lê, a criança, como qualquer

outro indivíduo adulto, estimula sua criatividade, remete o até então desconhecido à lembrança de coisas já aprendidas. A descoberta do novo interfere no conhecido. Talvez acrescente, ou até mesmo altere, mas o que vale destacar é que o leitor, a cada palavra lida, não é mais o mesmo.

São justamente essas retomadas que diferenciam uma criança leitora de uma não. A que não lê pára no tempo ao acumular as informações externas que são recebidas e não remetê-las (relembra-las) às idéias contidas no seu subconsciente. Sem essas associações de argumentos, o até então conhecido passa a ser esquecido por não ser lembrado. É justamente por isso que a criança leitora é uma boa produtora de textos, pois são informações que só acrescentam no seu “vocabulário” de idéias.

Com relação aos erros ortográficos, de acentuação, pontuação e concordância, de certa forma também dizem respeito à leitura, pois ao executá-la o leitor amplia seu poder de percepção, não esquecendo de pontuar uma palavra ou concordar um termo da oração com outro, uma vez que o mesmo já foi despertado às regras gramaticais.

Formar leitores não é o mesmo que formar repetidores e copiadores do conhecimento alheio. Cada pessoa possui seu próprio processo, etapas peculiares, obstáculos a vencer e o gosto da auto-conquista vem do confronto físico no contato com os outros, porém é a relação interacionista que desempenha a parte essencial da atividade de seu aprendizado.

Observando a dificuldade que o indivíduo tem na escrita por falta da prática de leitura, nota-se que é esse o principal fator que acarreta o seu despreparo na produção textual. Desse modo, torna-se necessário o incentivo à leitura desde os primeiros anos de vida da criança,

sendo esse um estímulo familiar (histórias de ninar, livros infantis com cunho moral, cantigas...) que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação.

Sabe-se que a leitura atribui um valor benéfico ao indivíduo e à sociedade, mas muitas vezes ela não é vista como uma forma de lazer, prazer e enriquecimento cultural. Apesar dos esforços escolares na infância, muitos estudantes continuam a não gostar de ler, e em alguns casos não há estímulo por parte dos pais. Diante desse fato, lança-se o desafio de incentivar a cada dia o prazer literário e adotar diversas formas que facilitem e despertem o interesse e o gosto pela leitura, sendo esses instrumentos norteadores para a expressão escrita.

A leitura tornou-se hoje uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, e mesmo havendo outras formas de acesso ao patrimônio cultural, graças às técnicas audiovisuais, ler continua sendo a ferramenta privilegiada de enriquecimento pessoal e será absurdo crer que o desenvolvimento das técnicas modernas possa trazer o fim da leitura. E ao se tratar de tarefas profissionais, tarefas ligadas à vida cotidiana, atividades de lazer ou de deveres do cidadão é necessário antes de tudo ler.

Pode-se ainda acrescentar que a televisão, o cinema, o rádio e a revista respondem mais facilmente às necessidades dos alunos. Não são apenas atividades pelas quais não sofrerão qualquer cobrança (fichas, análises, provas, trabalhos) como também representam para eles uma opção própria – escolhem onde, quando e o que assistir ou ler. É importante nesse aspecto a atenção dos pais para que dê menos espaço para a televisão e maior respaldo à leitura.

Deve-se, portanto, atribuir à leitura um valor positivo e benéfico ao aluno e à sociedade, pois ela é uma forma de lazer, prazer, enriquecimento cultural e ampliação de novos horizontes. Nada pode enriquecer mais a nossa vida do que um livro.

Toda a bagagem literária, social e cultural que a leitura acrescenta ao leitor traz para esse um crescimento geral, seja no âmbito escolar, na sociedade ou como ser pensante. A pessoa que lê congrega argumentos em seu “arquivo intelectual”, torna-se formador de opiniões e é capaz de influenciar decisões com suas palavras.

Ao passar para o papel todo seu intelecto pertinente com o que se está escrevendo, o agora redator preocupa-se com a correta articulação de suas idéias, coesão, coerência, ortografia, acentuação, pontuação e estruturação de sua produção. Esses são saberes não menos importantes para a completa criação textual e que o produtor precisa dominar.

“a coerência faz com que uma seqüência lingüística qualquer seja vista como um texto, pois ela permite estabelecer relações entre os seus elementos. Já a coesão é apenas um dos fatores da coerência, que contribui para a constituição do texto enquanto tal, não sendo necessária nem suficiente para converter uma seqüência lingüística em texto.”

(KOCH, 2003, p. 53)

Para o desenvolvimento de um texto deve-se abarcar a sensibilização do indivíduo no tocante à atuação prática, participativa e reflexiva no ato de redigir. Já a dinâmica escrita /leitura é indispensável em uma boa produção textual, ou seja, a escrita funciona como agilizador da leitura ao passo que esta amplia ou redefine a escrita.

O ato de redigir deve ser mais do que um exercício de repetição de esquemas formais e estilísticos, de escrever mecanicamente. A questão reside em fazer com que o redator desenvolva uma competência discursiva marcada pelo domínio da escrita e por uma visão de

que a produção textual tem como exigência ultrapassar os jogos de palavras, assim como os de frases soltas.

No entender de BAMBERGER (2002), a percepção dos símbolos impressos passa por um processo contínuo que vai conferindo ao leitor maior domínio e familiaridade com o mundo da escrita e da leitura. O conhecimento dos símbolos, dos vocábulos e da estruturação textual favorece ao leitor um maior entendimento da informação que está sendo recebida, como também uma maior possibilidade de acertos no instante de sua produção textual, livrando-se, dessa forma, de qualquer equívoco perceptível após a conclusão do texto.

A prática da leitura aflora a sensibilidade perceptiva de quem a executa. Um leitor assíduo recebe informações em cima de informações. É um crescer constante, um despertar para o novo.

“A pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”. TAHAN, Malba.

2.1 – A HISTÓRIA DA ESCRITA

Os primeiros processos de comunicação são os gestos e a fala. Mas a necessidade de uma forma transportável e conversável da comunicação deu origem ao uso de objetos (pedras, cordas, rochas) ou de traços desenhados, gravados e riscados pelo homem pré-histórico lendo-os e interpretando-os.

O uso de traços gráficos pôde desenvolver-se em dois sentidos: A pictografia, que é a representação de objetos e acontecimentos, isto é, forma de escrita na qual os sinais representam elementos lingüísticos; E a escrita inventada que surgiu em regiões diferentes, mas foi na Fenícia que apareceu o primeiro alfabeto devido à necessidade dos navegadores e dos comerciantes das cidades desenvolvidas em comercializar com os povos do Mediterrâneo. Essa forma de escrita foi adotada pelos povos vizinhos, pelos gregos e depois pelos latinos.

Os documentos escritos passaram a ser materiais de estudo que facilitaram e provocaram reflexão e instrução. Já o momento essencial da história de todos os povos civilizados foi a criação do primeiro livro impresso, que apareceu na China em Maio de 868. Trata-se da tradução para o chinês da obra indiana de Sutura do Diamante e o seu impressor foi o mestre Van Chi. O livro se apresenta sobre a forma de um rolo de papel pergaminho e tem gravada a imagem do Buda.

A escrita surgiu para atender às necessidades sociais de troca, venda, comércio e até mesmo a leitura dos livros religiosos e a imprensa desempenhou um notável papel na difusão das idéias e na cultura ganhando progressivamente um caráter

universal. Depois do seu surgimento não houve mais a necessidade dos sinais, o que facilitou o trabalho intelectual, difundiu o gosto pela leitura e permitiu a multiplicação rápida dos originais. O jornal foi o último dos empregos da escrita, proporcionando uma gama de informações.

Por volta de 800 a.C, os gregos introduziram o uso de vogais e conseguiram representar separadamente os elementos consonantais de uma sílaba. Surgiu a construção da escrita alfabética que se mantém até hoje, exceto evolução para caracteres latinos.

Segundo FEBEROSITY e CARDOSO (1993), um sistema fonográfico se baseia nos significantes e depende diretamente dos elementos sonoros de uma língua. As idéias são representadas graficamente por sinais convencionais (letras), que reproduzem o som dos vocábulos correspondentes na língua falada.

FOUCAMBERT (1994) dá uma significação geral do que é ler:

“ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer oral de escrito. Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte de informações ao que já se é. Ler um poema ou uma receita, um jornal, um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler em qualquer caso é meio de interagir a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.”

(FOUCAMBERT, 1994, p. 5)

Constata-se a importância da leitura para a sociedade moderna, cujo papel fôra beneficiar a burguesia que ascendia através dos empreendimentos industriais, a qual necessitava de uma vasta mão-de-obra especializada para lidar com as máquinas. Isso só seria possível com o mínimo de escolaridade. Para os burgueses, a educação dos filhos era algo muito importante, pois sem formação e sem conhecimentos adequados,

os mesmos não poderiam levar à frente os empreendimentos comerciais que herdariam, e nem conseguiriam posições sociais que lhes permitissem ascender socialmente.

FOUCAMBERT (1994) ressalta que a escrita e a leitura foram necessárias e dificilmente era possível dispensá-las na vida cotidiana; por isso o saber alfabético, adquirido na escola, continuava sendo mantido pela necessidade de sobrevivência.

As diferenças de interpretação que se evidenciam de um leitor para outro se dão pela bagagem de conhecimentos armazenada durante o percurso da vida de cada um. A esse respeito Emilia Ferreiro (1985) enfatiza a dificuldade de contabilizar todos os atos de leitura efetuados pelo leitor, todas as formas de leitura são diferentes, mas qualquer que seja o portador do texto ou das situações, todas elas são “atos de leitura” destinados a atender às necessidades de cada um. A esse respeito Emilia Ferreiro (1985) enfatiza a dificuldade de contabilizar todos os atos de leitura efetuados pelo leitor, todas as formas de leitura são diferentes, mas qualquer que seja o portador do texto ou das situações, todas elas são “atos de leitura” destinados a atender às necessidades de cada um, seja na aquisição de conhecimentos ou na busca de entretenimento.

Segundo FERREIRO e TEBEROSKY (1986), o leitor passa por quatro momentos básicos no processo de produção de escrita, independente do processo de escolarização:

Escrita Pré-Silábica – A criança não compreende o caráter fonético do sistema;

Escrita Silábica - alfabética – a criança entende a ineficácia do sistema silábico, mas ainda não domina o sistema alfabético;

Escrita Alfabética – a criança leitora compreende o valor sonoro de cada letra, mas ainda pode estar distante da escrita convencional.

→ A evolução da conquista da leitura e da escrita se dá passo a passo, dependendo da condição que o indivíduo tem para testar suas hipóteses, surpreender-se com os resultados e encontrar bons motivos para substituir suas concepções iniciais por outros mais elaborados e próximos do sistema convencional da escrita.

A oralidade, a leitura e a escrita devem ser trabalhadas de forma integrada e complementar, potencializando-se os diferentes aspectos que cada uma dessas linguagens solicita do leitor. Escrever é produzir textos, assim a escrita há de ser importante para a vida.

→ Porque é difícil para a criança entender a natureza do sistema da escrita? As escritas alfabéticas são representações de palavras com base numa análise de suas unidades mínimas de som. Assim, para escrever a palavra “bola”, usam-se quatro letras que correspondem as quatro unidades mínimas de som que compõem essa palavra. Nem sempre essas correspondências serão precisas, não invalidando a base de representação.

As palavras, enquanto → seqüência de sons, só gradualmente se obtém, passando a criança a entender, portanto, que num sistema de escrita alfabética as letras são desenhos que representam partes da palavra e uma conquista que pressupõe uma evolução no pensamento da criança.

Uma forma simples de começar a constatar em que momento disso evolução a criança se encontra, consiste em pedir que elas escrevam espontaneamente, do jeito

que ela pensa que é. Torna-se necessário olhar o processo de evolução da escrita sob uma outra perspectiva, respeitando seus níveis de desenvolvimento, sem esquecer contudo, o importante papel que cabe à instrução escolar de conduzir esse desenvolvimento.

2.2 – A FORMAÇÃO DOS LEITORES BRASILEIROS

A história do leitor começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e privacidade doméstica e à emergência da idéia de lazer.

Principiou-se na Europa, aproximadamente no século XVIII, quando a impressão de obras escritas passou a ser exercida por hábeis tipógrafos e gerenciadas pelo Estado que por meio de alvarás e decretos, facultava, ou não, o aparecimento dos livros, deixando, portanto, de ser um trabalho quase artesanal. Tornaram-se atividades empresariais, dirigidas para o lucro, que custava cada vez menos e vendia cada vez mais.

O comércio de livros só realizou-se plenamente quando passou a contar com pessoas que dominavam a habilidade de ler, o que adveio do fortalecimento da escola e da obrigatoriedade do ensino.

Nos séculos XVIII e XIX, o gosto pela leitura se intensificou no modelo

moderno de família e nos grupos religiosos que estavam interessados no conhecimento e na difusão da Bíblia.

Na literatura infantil européia, os primeiros livros de sucesso resultaram da apropriação dos contos populares que circulavam entre os homens do campo. Assim também a indústria do lazer descobriu seu material primitivo entre a população rural. Seus primeiros exemplos proveram da literatura de cordel, molde para a fabricação do folhetim, que colaborou com a estruturação e fortalecimento do romance.

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, foi na Europa o exemplo mais notável que textualizou o leitor. No Brasil, foi só na ficção romântica que se mostraram visíveis esse esforço.

Por volta de 1840 o Brasil, no Rio de Janeiro, que era sede da Monarquia, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. A escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema.

O capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso.

Desse modo, os escritores passaram a suspirar por uma bem-vinda profissionalização. Um exemplo foi Manuel Antônio de Almeida, que ao publicar, em 1852 *Memórias de um Sargento de Milícias*, em folhetim, _a imprensa carioca, foi

muito bem-sucedido. Almeida usava como recurso, a retomada de eventos apresentados em capítulos anteriores, sendo uma estratégia para manter o leitor atento. "Os leitores estão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa".

Durante a primeira metade do século XIX, o Brasil iniciou sua caminhada para o progresso econômico, independência política e conquista da cultura que o colocaria entre as nações civilizadas do Ocidente. Caminhada aberta pela mudança da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, e pelas medidas oficiais tomadas imediatamente por D. João VI, no sentido de preparar a colônia brasileira para ser a nova sede do reino de Portugal.

Tudo foi feito em tempo realmente curto; acelerando-se mais, a partir de 1822, quando o Príncipe Dom Pedro, reagindo às decisões da nova Constituição Portuguesa (que pretendia fazer o Brasil voltar à antiga situação de colônia), proclama a Independência e se toma o Imperador do Brasil, com o título de D. Pedro I.

Desde a separação de Portugal, reclamava-se uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país.

No setor do Ensino, somente nos últimos anos do século XIX foi que o sistema escolar nacional passou por reformas de real alcance e incorporou em sua área também a produção literária para crianças e jovens.

Simultaneamente, ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começou a se firmar a consciência de que se fazia urgente uma literatura própria para a criança e para juventude brasileira, que valorizasse o nacional.

Inicialmente, essa experiência literária, vai se dar no âmbito do ensino escolar, pois, a Literatura e a Pedagogia desenvolvem-se fortemente unidas. Nessa época emergia uma nova classe - a classe média, que se auto-afirmava principalmente através das profissões liberais. Um novo valor, uma nova prioridade começou a ser dado à inteligência, ao saber.

Entre os homens notórios que marcaram, com seu pensamento e produção, Rui Barbosa destaca-se como um símbolo. San Tiago Dantas afirma: "Desde logo é em tomo dele (Rui), que se cria o culto do homem inteligente...". (WERECK, Apud, HLB, p. 510.).

Um dos centros pioneiros do movimento de renovação educacional foi São Paulo; a partir de 1890, onde educadores se empenharam em estimular o ensino experimental em nossas escolas. Até então, conforme mostra uma pesquisa realizada por um grupo de estudiosos acerca do aparecimento e evolução do livro na área de educação, os livros utilizados nas escolas brasileiras do entre séculos eram cartilhas e gramáticas portuguesas e francesas e a alfabetização na maioria das escolas era feita, ainda, em folhas manuscritas.

Os livros de leitura foram a primeira tentativa de realização de uma

literatura infantil brasileira, mostrando dessa forma que os conceitos "literatura" e "educação" andaram sempre essencialmente ligados.

Segundo a ordem cronológica de publicações, o primeiro livro brasileiro de grande repercussão no âmbito escolar foi: *O Livro do Povo*, escrito pelo maranhense Antônio. Marques Rodrigues. Segundo Sacramento Blake, sua primeira edição é de 1861 e uma das preocupações básicas de Rodrigues foi o ensino primário brasileiro, o qual procurou: "satisfazer uma grande necessidade de nosso ensino primário", promover "a uniformidade dos livros de leitura, vulgarizar a história do Salvador do mundo, os seus milagres, a sua doutrina e os melhores preceitos de economia e ordem".

Em 1896, *Contos da carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel, foi a primeira coletânea brasileira de literatura infantil organizada com a intenção de traduzir em linguagens brasileira os contos infantis que circulavam em várias coletâneas estrangeiras ou em traduções portuguesas. Pimentel reuniu nesta mesma obra 61 contos populares, morais e proveitosos, de vários países, traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local (contos de Perrault, Grimm e Andersen).

No século XX, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje na área de Literatura Infantil e Juvenil foi Monteiro Lobato.

Lobato rompeu com as convenções estereotipadas e abriram as portas para as novas idéias e formas que nosso século exigia. Preocupado com o problema dos livros de leitura para as crianças, Lobato estudou um meio de modificar a realidade à sua volta e em 'carta de 08/09/1916, ele diz: "Ando com várias idéias. Uma: vestir à

nacional as velhas Fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos”. (A Barca de Gleyre, 20 tomo, p. 104).

Por volta de 1917, Lobato lança com ilustrações reduzidas e em preto-e-branco: *Narizinho Arrebitado - 2º Livro de Leitura*. A vasta produção de Lobato, na área infanto-juvenil, engloba obras originais, adaptações e traduções.

Ao analisar-se a natureza da literatura mais recente, conclui-se que hoje *não há um ideal absoluto* de Literatura Infantil (nem de nenhuma outra espécie literária). Será "ideal" aquela que corresponder a uma necessidade profunda do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ele está vivendo.

Vista em conjunto, a atual produção Literária destinada à crianças e jovens, apresenta três tendências mais evidentes: *a realista* - que pretende expressar o REAL, tal qual é percebido ou conhecido pelo senso comum, *a fantasista* - que apresenta o mundo, maravilhoso, criado pela IMAGINAÇÃO, e que existe fora dos limites do real e do senso comum, *e a híbrida* - que parte do REAL e nele introduz o IMAGINÁRIO ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro.

Para um livro ser considerado renovador ou atualizado, literalmente, não basta que utilize em sua efabulação temas ou problemas vitais desta nossa sociedade em transformação. É preciso mais: que o contexto ideológico (quando existir) se transfigure em arte.

Essa é a atitude que pode ser detectada em grande número de escritores e escritoras que hoje, no Brasil, se dedicam à difícil e importante área da Literatura Infantil / Juvenil e fazem dela uma *literatura em progresso*. "O maior caminho para a aprendizagem para a sabedoria, a aventura, o prazer, a compreensão da natureza humana, de nós mesmos, do mundo e de nosso lugar dentro dele - está na leitura de livros". (MCCULLOUGH, David 2000, p. 32).

2.3 – LEITURA DO TEXTO, LEITURA DO MUNDO.

O ato de ler caracteriza uma relação do indivíduo com o mundo que o cerca. Segundo o educador Paulo Freire em *A Importância do Ato de Ler*, “a leitura do mundo precede a leitura do texto, da palavra”. A leitura de textos se insere na leitura do mundo, por isso ao ler o leitor não pode deixar de ler e interpretar o mundo.

A leitura da realidade é uma confirmação do sujeito e da sua capacidade de racionalização e da compreensão da realidade em categorias. Logo, a leitura da palavra escrita, instaura-se como uma leitura da representação do mundo.

A leitura recria o mundo exterior, como também o modo de lê-lo, pois sua estrutura é marcada por “vazios”, por situações inacabadas, que exigem a participação do leitor para preenchê-los e, desse modo, dar forma ao mundo criado pelo autor.

Assim, a tarefa de decodificação se junta à de interpretação, executada por cada indivíduo particularmente, de acordo com suas vivências e imaginação próprias. A aprendizagem da leitura é fundamental para a integração do indivíduo no seu contexto

cultural e social, pois sua participação está condicionada ao conhecimento que ele constrói da realidade em que vive.

Aprender a língua materna significa aprender os primeiros símbolos sonoros que representam o mundo dos fatos a serem representados pelo universo dos símbolos. O aprendizado da leitura trata do reconhecimento desse sistema sob uma forma diferente. Em lugar dos símbolos sonoros, o novo sistema, comendo-se de símbolos visuais.

Os primeiros estágios do aprendizado da leitura são fundamentalmente as traduções de um conjunto de símbolos para um outro conjunto de símbolos. Pode-se dizer que as aptidões necessárias ao aprendizado da leitura são as mesmas independentemente da língua em que se lê. Primeiro, o leitor deve ser capaz de discriminar os símbolos usados no sistema de escrita de sua língua. Só quando for capaz de identificar os símbolos propostos poderá passar à fase seguinte. Através da interpretação dos símbolos passa a mensagem que eles transmitem.

Num leitor experiente, esses dois processos encontram-se de tal forma associados que se torna difícil distingui-los. Esse tem que examinar os símbolos gráficos para o seu conhecimento relativo a outros símbolos gráficos para identificar as unidades lingüísticas por eles representadas. Se a aquisição das aptidões identificadoras construir um processo essencialmente finito, o mesmo não pode-se dizer aptidões inerentes à interpretação.

Como a leitura é um processo cognitivo no qual o leitor não apenas compreende as idéias apresentadas no texto como as interpreta e as avalia. Construir então o significado é um pré-requisito vital de toda leitura. Mas ler constitui também uma forma de pensar e de solucionar os problemas ou de discuti-los, o que implica uma análise e uma discriminação,

um julgamento, uma avaliação e uma síntese. Tais processos baseiam-se na experiência anterior do leitor, de forma que o contexto do texto é examinado através das experiências do mesmo. Além disso, o mesmo reconhece também o significado implícito e inferível, o qual só poderá ser obtido se ele estiver habituado a interpretar com base no contexto.

No início do processo de decodificação dos vocábulos, a velocidade é necessariamente reduzida, visto que o domínio do reconhecimento das palavras isoladas é lento e grande parte da leitura será oral. Quando a leitura silenciosa começa a prevalecer, a velocidade de leitura aumenta. Existe uma relação entre a velocidade de compreensão, variando de indivíduo para indivíduo.

Para o psicolinguísta ITENNETH, a leitura silenciosa é muito mais rápida do que a leitura falada porque os leitores compreendem o significado diretamente do texto. “Não há como desenvolver estratégias de leitura a não ser através da própria leitura”. Diz ele:

Os leitores desenvolvem estratégias de seleção que permitem antecipar o texto, fazer inferências sobre o fim da história, sobre a lógica de uma explicação, sobre a estrutura de uma oração ou o final de uma palavra. A leitura eficiente utiliza o menor tempo, esforço e energia possíveis para ser efetiva. Se os leitores têm êxito e confiam em si mesmos, desafiam os riscos de fazer inferências e aumentam sua eficiência.

GRAY, um lingüista que estuda o processo de leitura em várias línguas, afirma:

O leitor experiente, ao mesmo tempo em que procura o significado do trecho que está lendo, percorre as linhas numa alternância de curtos movimentos oculares e de pausas. A cada fixação reconhece as palavras como um todo, isto é, pela sua forma geral. Em regra, reconhece duas ou três palavras por cada fixação de olhos.

2.4 – FUNÇÃO DA LEITURA

Ninguém nasce sabendo ler, aprende à medida que vive, seja nas instituições de ensino ou nas chamadas escolas da vida. É através da leitura que o homem constrói suas visões de mundo.

A capacidade do leitor é determinada pela sua capacidade social e na produção são enfatizadas as condições que caracterizam sócio-historicamente esse leitor. Nesse sentido, o sujeito leitor é construído por historicidades: a história de suas leituras e a história de leitura de texto, que resulta de uma leitura específica, em um dado momento.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo que sabe da língua. O aprendizado da leitura nas escolas tem como objetivo o ensino voltado para a memorização e a repetição que não possibilitam a aprendizagem total da leitura, desfavorecendo a boa produção textual, pois se volta apenas a uma leitura do livro didático.

Como base em VIGOTSKY (1991), a linguagem e o pensamento são processos interdependentes e ele recomenda criar um espaço para que a criança fale de si, de sua família e de suas brincadeiras.

O domínio da língua oral e da língua escrita é fundamental, pois é por meio dessas duas modalidades que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende seu ponto de vista, partilha e constrói visões de mundo, produz conhecimento. Ao ensiná-las, a

escola tem a possibilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania.

2.5 – ESCREVER E PRODUZIR TEXTOS

“A escrita há de ser importante para a vida”

Tradicionalmente, usa-se a palavra “escrita” para designar processos distintos em seus fundamentos e seus ritmos de desenvolvimento, ainda que sejam processos que interatuem entre o final do primeiro e início do terceiro ano: a escrita como grafia e caligrafia; a escrita como produção de texto; a escrita como construção do sistema da língua escrita.

Comumente não se estimula a produção da escrita das crianças enquanto não dominam a escrita-caligrafia limitando sua capacidade de comunicação social como também a expressão de sua capacidade e seu domínio da relação escrita. É importante transcreever de uma maneira convencional o texto para poder apreciar sua estrutura. De outro modo, as falhas cartográficas nas palavras, de separação de suas sílabas e de pontuação ocultam a estrutura do texto, ou seja, deve-se ocultar os erros ortográficos. Ainda que, não conheça a maneira convencional de dirigir-se ao destinatário de uma carta, tem muito claro o que quer dizer.

A criança produz textos significativos, pois se observa o tratamento da escrita “com outro olhar”, a partir da comunicação social, o que implica a exigência de uma linguagem enfocada para a interação entre as pessoas. As crianças são capazes de produzir e projetar cartazes para situação comunicativa concreta, ou seja, não escrever com o propósito e nem para alguém. Entre outras palavras, as crianças não escrevem textos significativos, mas criativos já que utilizam materiais, cor e forma.

Existe uma diferenciação no ato de escrever e no de produzir textos, pois o ato de escrever refere-se à escrita alfabética entendida como uma cópia. Já o ato de produzir um texto é um processo mais elaborado e complexo, logo inclui planejamento, elaboração textual e revisão. Torna-se necessário determinar a importância; sintetizar a informação; estabelecer diferenças e dirigir a compreensão, norteando assim toda a estrutura textual.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As competências da leitura são consideradas como objetivos fundamentais de qualquer sistema educativo. Ao nível da escolaridade elementar, a leitura constitui aprendizagem de base e funciona como uma mola propulsora para todas as aprendizagens. Assim, uma criança com dificuldade nesta via apresentará lacunas em todas as matérias, o que provoca um desinteresse e uma diminuição da sua auto-estima.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de outro que sabe sobre a língua. O objetivo da leitura nas escolas atualmente tem sido voltado para a memorização e repetição, o que não possibilita a aprendizagem do aluno. Essa leitura se fixa apenas ao livro didático, fora da realidade do discente, caracterizando-se como um trabalho inteiramente tradicional.

O ser humano se comunica principalmente através da leitura. O seu domínio faz ter acesso à informação, produz conhecimentos, define e expressa seu ponto de vista, partilha e constrói visões de mundo.

É preciso valorizar cada vez mais a leitura de jornais e revistas. Por meio dela, o aluno entrará em contato com diversos registros de escritas aceitos socialmente além de acumular informações diversas. A experiência de diferentes leituras seja dos livros didáticos, jornais, revistas, histórias em quadrinho verbais ou não verbais, escritos ou orais, por parte do aluno-leitor, propicia-o a uma aquisição de novos vocábulos da língua, tornando-o rico de palavras e de informações possíveis de uma discussão com outros elementos da sociedade no âmbito familiar, escolar ou corriqueiro de colegas de brincadeiras na rua.

O contato com leituras diversas de vários níveis de entendimento (fáceis ou complexas) propiciará ao leitor capacidade para interagir com a escrita, ou seja, frente a um tema proposto qualquer, o escritor-leitor saberá certamente redigir um texto ordenado, coeso, coerente e rico em idéias.

A criança que não tem contato com a leitura demonstrar-se-á uma escritora com dificuldades em colocar no papel suas idéias de forma organizada, limitando-se somente às regras de produção textual, apresentando-se desconfortável, incomodada com a idéia de ter que escrever uma redação.

O objetivo, ao ser abordado como tema desse artigo “A importância da leitura na produção textual”, foi e continuará sendo como professores de Língua Portuguesa, a conscientização, tanto por parte da escola como por parte da família, de que não se constrói um futuro escritor, um aluno que redige bem sua redação se não fizermos com

ele um trabalho anterior, intenso e prazeroso ou até mesmo paralelo à escrita com ortografia e leitura. Logo, a leitura é importante na construção de uma produção textual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Marinheiro e Professores*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. 25 ed. São Paulo: Ática, 1995.

BELTRAN, José Luis. *Em busca dos valores da criança*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

CHARMEUX, Eveline. *Aprender a ler: Vencendo o fracasso*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

COELHO, Nely Novaes. *Panorama histórico da Literatura Infantil / Juvenil – Das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4 ed. São Paulo: Ática.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil – teoria e prática*. 14 ed. São Paulo: Ática, 1995.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. *Manual de Artigo Científico*. São Paulo: Avercamp, 2004.

LAJOLO, Marisa e **ZILBEMAN**, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2003.

MANGUEL, Alberto, Tradução Pedro Maia Soares. *Uma história de leitura*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RANGEL, Mary. *Dinâmicas de Leitura para sala de aula*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

READER'S. *Digest Seleções*, 58º ano, Rio de Janeiro, 2000.

Revista Nova Escola. *Edição especial – PCN's de 5ª a 8ª série*. São Paulo: Abril.

SCLIAR, Moacyr. *O mistério da Casa Verde*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOARES, Áurea. *Construindo o amanhã*. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.